



INSURGÊNCIAS SUBALTERNAS NA RESSIGNIFICAÇÃO DOS TERRITÓRIOS ABRIGO: CARTOGRAFIAS E QUESTÕES LATENTES

Kátia Silva Martins
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Brasil
Endereço eletrônico: katiageo14@gmail.com

INTRODUÇÃO

Pensar a cidade a partir das relações sociais estabelecidas em seus territórios pressupõe que esta seja carregada por diferentes marcas e desejos que se encontram presentes na memória das comunidades locais, sejam estas afetivas ou não. Assim, as ruas, praças e os bairros enquanto elementos da paisagem são considerados como territórios vivos, constituídos por interesses e usos distintos que simbolizam espaços de luta, trabalho e resistência. Neste contexto, a pesquisa pautou-se na possibilidade de identificar as formas de territorialidades construídas pelos moradores dos bairros Baianão e Campinho, localizados no município de Porto Seguro-Ba, bem como compreender as implicações identitárias, culturais e ambientais que estão submetidas às populações subalternizadas destes bairros, de forma a possibilitar que os mesmos possam identificar através da percepção socioespacial, a importância do direito de acesso e uso dos seus territórios abrigo.

Diante do exposto, surgem questões que esta pesquisa propôs esclarecer: Como as pessoas veem e representam seus territórios e qual percepção os moradores do Campinho e Baianão têm em relação às transformações da paisagem local em seus bairros? De que forma, os moradores dos bairros Campinho e Baianão constroem suas territorialidades e como estes representam seus processos de territorialização e identidade sobre o lugar onde vivem?

Ao analisar as percepções construídas pelos sujeitos em relação aos seus lugares, nos remete a reflexão feita por Merleau-Ponty (1996) ao afirmar que “o mundo não é aquilo que penso, mas aquilo que vivo.” Dito isso, chega-se à conclusão que cada sujeito tem uma percepção própria e individual sobre o lugar do vivido e estas apreensões vão depender das experiências construídas por cada pessoa ao longo da sua vida e do seu cotidiano. Assim, ao conceber os lugares em suas múltiplas formas e sentidos, faz-se necessário o uso da percepção como forma de entendimento das singularidades impressas



nos espaços de vivência, que são impregnados de histórias e memórias dos sujeitos aí envolvidos. Neste contexto, o uso da cartografia social como instrumento de representação do vivido teve como objetivo inicial, oportunizar aos sujeitos participantes da pesquisa, a revelar e mapear suas próprias marcas e significados construídos em seus lugares e as formas de territorialidades estabelecidas nestes territórios.

METODOLOGIA

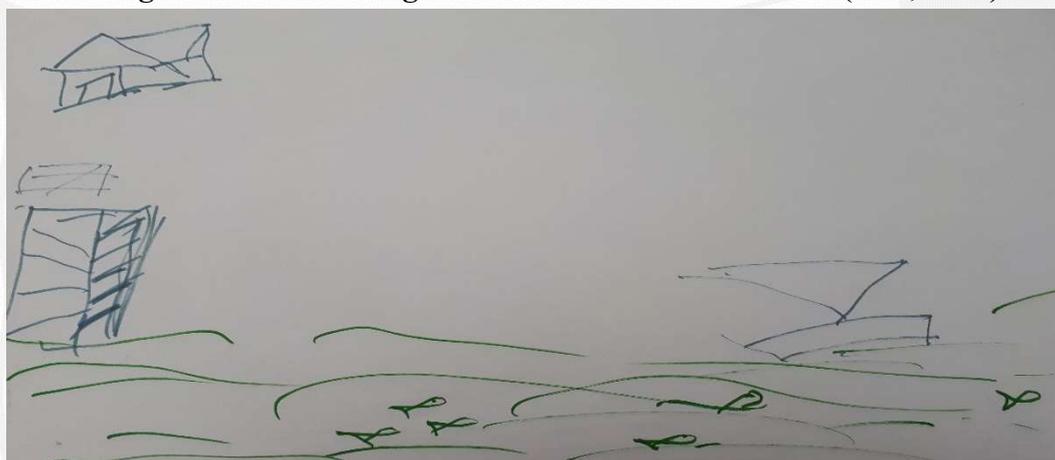
Utilizou-se como procedimento metodológico de pesquisa, uma abordagem qualitativa com o uso da cartografia social como instrumento de representação do vivido e também como ferramenta capaz de proporcionar a comunidade envolvida um olhar mais próximo das suas próprias realidades. Também foram utilizadas no estudo, as histórias orais da vida cotidiana dos moradores locais, constituídos em sua maioria por nativos e também migrantes reterritorializados da região Sul da Bahia, que diante da precarização imposta pela crise cacaueteira, foram obrigados a deixar seus lugares e construir nesta região novas territorialidades. Na coleta de dados, foi utilizada a técnica da observação participante, que consistiu numa aproximação junto à comunidade investigada por meio de uma observação controlada, cujo objetivo foi verificar e compreender os aspectos sociais, econômicos e culturais que expliquem a relação que os moradores destes bairros estabelecem nos seus lugares de vivência e como eles constroem e representam suas próprias territorialidades. Para tanto, foi feito inicialmente entrevistas semiestruturadas e/ou depoimentos orais relacionadas as percepções e experiências destes sujeitos em seus territórios e posteriormente foi utilizada a cartografia social como instrumento de representação do vivido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com as respostas dadas pelos participantes da pesquisa, ou mesmo através das histórias orais e nos mapas mentais produzidos, foi possível perceber que mesmo diante de várias formas de negação e invisibilização socioespacial impostas por vários atores hegemônicos nestes bairros, estes moradores demonstraram uma relação de identidade e pertencimento por este território e estabeleceram neste lugar, novas territorialidades.

Ao tentar compreender as diferentes formas de subjetividades envolvidas nas representações cartográficas feita pelos atores sociais em seus territórios de vida, percebe-se que estes lugares apresentam uma riqueza de simbologias e signos próprios, que estão presentes em vários elementos significativos para cada uma destas pessoas entrevistadas, que envolvem desde ambientes da paisagem natural, como o mar, o mangue, o Rio, até símbolos socioculturais, como as casas, praças, ruas e festas, etc. Como exemplo de elementos citados como marcadores de identidade, o mar e o Rio Buranhém representam para o morador nativo do bairro Campinho, como uma extensão da sua vida cotidiana. Segundo seus registros, a atividade pesqueira vai além do sustento diário, pois ele enxerga este ambiente como sendo sua morada e território. (Ver fig. 1)

Figura 1. “O meu lugar é minha casa e meu barco.” (J.O., 2018)¹



Fonte: MARTINS, K. S. (2018).

Outro importante elemento simbólico presente nas narrativas dos entrevistadores locais foi as casas e praças dos bairros Campinho e Baianão. Ao relatar sobre suas vivências individuais e coletivas em seus lugares de vida, estes ambientes passam a configurar-se como marcos socioculturais de construção de identidade e pertencimento. As praças simbolizam como um lugar de encontro, de trabalho e trocas estabelecidas entre os moradores que vivem nestes bairros. Além disso, este signo da paisagem humanizada, simboliza com importante elemento de afirmação ou mesmo negação do território. (Ver fig. 2)

¹ Mantida apenas as iniciais do nome para guardar a identidade do entrevistado.

Figura 2. Quando cheguei aqui não tinha nada, tudo era só mato. Aquele tempo tudo era mais difícil, mas a gente venceu e hoje tenho minha casa e gosto deste lugar. (M. S., 2018)²



Fonte: MARTINS, K. S. (2018)

CONCLUSÃO

A partir das discussões e questionamentos levantados ao longo do trabalho e de acordo com as respostas dadas pelos participantes da pesquisa, verifica-se que mesmo envolvidos numa relação desigual de poder, os moradores demonstraram através das histórias orais ou mesmo nos mapas mentais por eles produzidos, uma relação de identidade e pertencimento por este território. Assim, diante das espacialidades vividas e percebidas pelos moradores locais, foi possível perceber que tanto os moradores do Campinho constituídos em sua maioria por moradores nativos, como os migrantes reterritorializados do Baianão, que buscaram este lugar como meio de sobrevivência e refúgio, demonstraram através do uso e apropriação de elementos da paisagem, vínculos afetivos com seus territórios.

Em meio a um território rico em diversidade biológica, constituída por um ambiente de praia, rios, manguezal e Mata Atlântica e também por sua riqueza pluricultural formada por índios, caboclos, negros, nativos ou migrantes vindos de vários lugares, observa-se neste território, a presença de vários elementos simbólicos

² Foi mantida apenas a inicial do nome para guardar a identidade do entrevistado.



significativos da paisagem. Dito isso, verificou-se no decorrer dos capítulos, que as formas de territorialidades construídas pelos sujeitos nos seus territórios abrigo e suas relações de pertencimento estabelecidos neste lugar foram representados pelos participantes da pesquisa através de uso de imagens, signos e símbolos pertencentes a memória afetiva destes moradores com seus lugares de vivência e nos seus registros orais ou mesmo nos mapas mentais produzidos, estavam presentes vários elementos significativos da paisagem, que foram imbuídos de subjetividades e simbolismos.

PALAVRAS-CHAVE: Território; Territorialidade; Cartografia Social.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. Mapeamentos, identidades e territórios. In: **Cartografias sociais e dinâmicas territoriais: marcos para o debate**. ACSELRAD, Henri (org.). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2010, p. 9-46.

_____. **Disputas territoriais e disputas cartográficas**. In: ACSELRAD, H. (Org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008. p.13-43.

GONÇALVES, C. W. 2002. **Da Geografia às Geo-Grafias - Um mundo em busca de novas territorialidades**. In: Sader, E. e Ceceña, A. E. (orgs.) **La guerra infinita: hegemonía y terror mundial**. Buenos Aires: CLACSO.

MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SANTOS, M. O retorno do território. SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA, Maria Laura. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SILVEIRA, Maria Laura. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

TUAN, Yi –Fu. **Topofilia, um estudo da percepção, atividades e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 288 p. 1980.